

---

**Emancipação e educação feminina em *Opúsculo Humanitário*  
de Nísia Floresta****Emancipation and female education in Nísia Floresta's  
*Opúsculo Humanitário*****Emancipación y educación femenina en el Opusculo  
Humanitario de Nísia Floresta****Francisco Aedson de Souza Oliveira**Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)  
<https://orcid.org/0000-0001-6354-8936>**Jéssica Luana Fernandes**Professora efetiva da rede municipal de ensino de Mossoró/RN  
<https://orcid.org/0000-0002-3618-496X>

**RESUMO:** Este trabalho versa sobre a relação da mulher com a literatura, bem como sobre o seu espaço no cânone literário. O estudo objetiva compreender a relação da mulher com a literatura e com o cânone, para tanto apresenta a escritora Norte-rio-grandense do século XIX, Nísia Floresta, através da sua obra literária *Opúsculo Humanitário*. Com base na análise dessa obra, busca compreender sua tese acerca da emancipação feminina, bem como a relevância de sua obra no ensino de literatura em sala de aula. Tivemos como aporte teórico os estudos realizados por Duarte (2010), Cosson (2006), Cereja (2004), Paulino (2004), Floresta (1989) e Lajolo (2001). Utilizamos da metodologia de análise encontrada na hermenêutica e nos estudos desenvolvidos por Cosson (2006), no que se refere às sequências didáticas. A pesquisa apresenta uma proposta de leitura para uma turma de ensino médio, com a obra de Nísia Floresta, com intuito de levar para a sala de aula, a pertinente discussão acerca das relações de gênero. A análise e reflexão da obra *Opúsculo Humanitário*, prioriza a contribuição do pensamento de Nísia Floresta para a emancipação feminina, e a pertinência de sua obra para o ensino de literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Nísia Floresta. *Opúsculo Humanitário*. Mulher.

**ABSTRACT:** This work deals with the relationship of women to the literature, as well as its place in the literary canon. The study was carried out aiming to understand the relationship of women to literature and the canon, therefore presented the Norte-rio-grandense writer of the nineteenth century, Nisia

---

Floresta, through his literary work *Opúsculo Humanitário*, trying to understand his thesis about women's emancipation, and the relevance of his work in the teaching of literature in the classroom. Had as the theoretical studies by Duarte (2010), Cosson (2006), Cereja (2004), Paulino (2004), Floresta (1989) and Lajolo (2001). Using the methodology of analysis found in hermeneutics and in studies developed by Cosson (2006), regarding the didactic sequences, present a proposal for reading for a high school class, with the work of Nisia Floresta, with order to bring to the classroom, the relevant discussion of gender relations. Through analysis and reflection *Opúsculo Humanitário* work, the contribution of thought of Nisia for female emancipation, and the relevance of his work for the teaching of literature.

**KEYWORDS:** Literature. Nisia Floresta. *Opúsculo Humanitário*. Woman.

**RESUMEN:** Este trabajo trata sobre la relación de la mujer con la literatura, así como su espacio en el canon literario. El estudio tiene como objetivo comprender la relación de la mujer con la literatura y el canon, para lo cual presenta a la escritora norterriograndense del siglo XIX, Nisia Floresta, a través de su obra literaria "*Opúsculo Humanitario*". Basándose en el análisis de esta obra, busca comprender su tesis sobre la emancipación femenina, así como la relevancia de su obra en la enseñanza de literatura en el aula. Como apoyo teórico se utilizaron los estudios realizados por Duarte (2010), Cosson (2006), Cereja (2004), Paulino (2004), Floresta (1989) y Lajolo (2001). Se utilizó la metodología de análisis encontrada en la hermenéutica y en los estudios desarrollados por Cosson (2006), en lo que respecta a las secuencias didácticas. La investigación presenta una propuesta de lectura para un grupo de enseñanza secundaria, con la obra de Nisia Floresta, con el objetivo de llevar a la clase la pertinente discusión sobre las relaciones de género. El análisis y reflexión de la obra "*Opúsculo Humanitario*" prioriza la contribución del pensamiento de Nisia Floresta a la emancipación femenina y la pertinencia de su obra para la enseñanza de literatura.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura. Nisia Floresta. *Opúsculo Humanitario*. Mujer.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pararmos para observar a trajetória de vida das mulheres na luta por seus direitos, como o direito à educação, ao trabalho, ao voto, ou mesmo serem reconhecidas como seres humanos dotados de inteligência, chegaremos à conclusão de que tal trajetória foi árdua e difícil, perpassada por conquistas e também muitos rechaços. De um modo mais específico, questionamos como se deu a relação da mulher com a literatura, quando ela assumiu a categoria de escritora. Diante dessas considerações, este estudo versa sobre a condição

---

feminina e a relação das mulheres com a literatura, a mulher enquanto escritora, e a emancipação feminina, defendida por Nísia Floresta no século XIX. Ele se insere na abordagem dos estudos culturais, através do qual, “dá-se voz aos marginalizados”, e os que estão à margem do cânone literário, são obras ou autores, isto é, grupos que não fazem parte do “grupo elitista” produtor de cultura. Dentre esses grupos, podemos citar as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais.

Sendo assim, este estudo foi realizado, buscando compreender como se dá a relação da mulher com a literatura e com o cânone literário, bem como seus textos podem ser trabalhados em sala de aula a fim de suscitar reflexões e o efeito catártico por meio de leituras literárias mediadas pelo viés do letramento literário. Justificamos, a escolha da obra e da autora, Nísia Floresta, por se tratar de uma escritora representativa no que se refere a emancipação feminina. Destaca-se que, enquanto educadora e poetisa, em pleno século XIX, ela deixou em suas obras, dentre elas, Opúsculo Humanitário, os registros de suas lutas em favor, principalmente da educação feminina. Em um período que a imprensa brasileira era recente, Nísia, publicava seus textos em jornais, sob as mais variadas formas, como crônicas, poesias, ensaios e contos. Ela foi considerada por muitos a pioneira do feminismo do Brasil, ainda que, atualmente, não tenha o devido reconhecimento.

Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: Qual a relação da mulher/escritora com o cânone literário? Qual a contribuição da obra “Opúsculo Humanitário”, de Nísia Floresta, para o ensino de leitura e literatura em sala de aula? Objetivamos, analisar como se dá a relação da mulher/escritora com o cânone literário e o lugar da literatura de autoria feminina para o ensino de leitura literária em sala de aula, através de uma proposta de sequência básica, seguido dos seguintes objetivos específicos: pesquisar o contexto social/histórico no qual a obra foi produzida; verificar sobre a contribuição da obra de Nísia Floresta para o ensino de literatura; identificar a condição feminina e a relação das mulheres com a literatura a partir da obra da autora; desenvolver uma análise da obra Opúsculo Humanitário de Nísia Floresta numa perspectiva hermenêutica voltada para sala de aula, seguindo as sequências básicas, segundo Cosson (2006).

---

Inicialmente, realizamos um aprofundamento teórico através de pesquisa bibliográfica, buscando e selecionando estudos desenvolvidos e organizados por outros autores, que possibilitaram entrar em contato com informações e materiais já produzidos no campo da literatura de autoria feminina. Posterior ao aprofundamento teórico, foi realizada a leitura e análise do livro Opúsculo Humanitário. Para a análise e compreensão do material escolhido como fonte de reflexão neste trabalho, utilizamos os elementos da análise da hermenêutica historicista, a qual entende que, ao se analisar um texto, “não se deve ficar presos ao texto em si, mas sim, observar tanto o contexto no qual o texto foi produzido, quanto o contexto no qual é lido” (Flick, 2013, p. 06), ou seja, não separamos texto de contexto.

## **2 UM OLHAR SOBRE O ENSINO DA LITERATURA: ONTEM E HOJE**

No tocante ao ensino de literatura oriundo da escola, recebido enquanto somos alunos ensino médio, logo pensamos nos grandes clássicos da literatura brasileira, obras que são clássicas, como Dom Casmurro de Machado de Assis, O Guarani e Senhora, ambos de José de Alencar. Vale salientar que, por vezes, estas leituras são obrigatórias, ou seja, nem sempre são leituras prazerosas ou voluntárias, o que de certa forma, podemos dizer, que é uma prática comum em sala de aula, enxergar a leitura como uma tarefa, fazendo dela uma atividade não aprazível. A respeito desse assunto, Lajolo afirma:

O problema é que os rituais de iniciação propostos aos neófitos não parecem agradar: o texto literário, objeto de zelo e do culto, razão de ser do templo, é objeto de um nem sempre discreto, mas sempre incômodo, desinteresse e enfado dos fiéis – infidelíssimos, aliás – que não pediram para ali estar. Talvez venha desse desencontro de expectativas que a linguagem pela qual se costuma falar do ensino de literatura destile o amargor e o desencanto de *prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações* [...] (2001, p. 12, grifos da autora).

Devemos estar, também atentos ao fato de que, muitas vezes, o programa da escola está em consonância com os exames preparatórios para o ingresso na Faculdade, ou seja, aquelas obras que lemos em nosso ensino médio são,

---

de certa forma, uma preparação para que possamos conseguir a nossa aprovação em algum exame. Segundo Cereja,

[...] o vínculo existente entre o programa escolar e o programa do exame vestibular é direto, sendo este, quase sempre, determinante das escolhas feitas no primeiro, principalmente nas escolas da rede particular, em que há uma forte expectativa de toda a comunidade (famílias, alunos, professores, direção) quanto à aprovação dos alunos nas universidades mais renomadas, que são geralmente as públicas (2004, p. 74).

Neste sentido, as obras trabalhadas em sala de aula são indicadas de acordo com a tradição canônica, e na maior parte das vezes a metodologia aplicada é aquela apresentada nos materiais didáticos. O professor, neste momento, é um mediador e “O aluno quase sempre participa desse processo de forma passiva, recebendo as informações do professor, o único então preparado para discorrer sobre o objeto, já que tem uma visão do ‘conjunto’ da literatura [...]” (Cereja, 2004, p. 75). Partindo desta perspectiva, não é incomum enxergarmos aquele aluno que muitas vezes se recusa a ler a determinada obra solicitada. No entanto, ele é o mesmo que em detrimento da obra canônica, opta pela literatura de entretenimento, o que nos faz questionar: por que a chamada “literatura de entretenimento” não pode ser uma porta de abertura para os grandes clássicos? Para que fique claro, não nos interessa deixarmos de ler os clássicos, mas sim, que possamos ter acesso às mais variadas obras literárias.

E ainda questionamos: paramos para pensar, o porquê de estudarmos apenas estes “grandes nomes”, e mais, temos um olhar aguçado para perceber que estamos limitando-nos a um só padrão, homens e brancos? Por que a escola limitou-se apenas a este padrão? Por que não nos foi falado da literatura das mulheres, dos negros, dos índios, entre outros? Ela não existe? Agora, sabemos, que tal problemática resume-se ao cânone literário, uma lista de obras e autores considerados grandes, geniais, um modelo de perfeição, e que devem ser transmitidas e estudadas ao longo do tempo, de geração em geração. Desta forma, este cânone constitui-se de obras que a crítica atribui valor literário, é o valor estético da literatura. Os autores e obras que não possuem este valor estético, ficam de fora, estão excluídos do cânone, que é estabelecido por uma elite detentora do poder econômico da sociedade.

---

Inseridas, neste contexto, estão as mulheres, que segundo os historiadores, possuem vasta produção desde o século XIX, porém não podemos dizer que são reconhecidas em patamar de igualdade com os homens. Assim, o enfoque nesta participação feminina em diversas áreas, e sobretudo na literatura é recente. Segundo Mello (2012, p.10) “[...] não é de estranhar que a voz feminina na literatura seja um dado recente, que se inicia basicamente na primeira metade do século XX, e se intensifica nos últimos sessenta anos”. Tal debate, acerca da condição feminina nas mais variadas áreas de nossa sociedade, só foi possível por meio do movimento feminista. De acordo com Duarte:

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/pretende principalmente, destruir os mitos da inferioridade "natural", resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então, tinham escrito a respeito (1987, p. 15).

Assim, a modernidade junto aos estudos culturais possibilitou este debate, sobre a contestação do cânone clássico e sobre a reivindicação das “minorias”. Para Paulino (2004), os Estudos Culturais tratam-se de possibilidade das Ciências Humanas, diante deste modelo hegemônico de cânone que está posto, contrapor-se às elites intelectuais e/ou econômicas, sem classificar as produções em boas ou más, mas, sim, buscando valorizar estes grupos marginalizados.

Nesse sentido, lembramos da Nova História Cultural, com o surgimento de novas abordagens e novos sujeitos, onde os debates focalizaram-se nos sujeitos que até então permaneciam marginalizados, fazer história, dos que estão em “baixo” (BURKE, 1992). Especificamente, no campo literário, no cânone, questionamos a literatura de autoria destes “marginalizados” (mulheres, negros, homossexuais, índios, entre outros), ou a falta desta literatura no cânone, pois não se pode dizer até onde precisamente os escritos literários dos sujeitos marginalizados estão presentes na lista dos clássicos. Podemos dizer, que há muitos avanços, pois, este discurso cada vez mais se faz presente nas

---

esferas da sociedade, embora não tenhamos certeza, se os “excluídos” ganharam espaço no cânone. No tocante, ao caso da mulher, Duarte diz:

Mas ainda há muito o que fazer. Várias são as dúvidas que poderíamos levantar com relação ao tema Mulher na Literatura ou Mulher e Crítica Literária, e poucas encontrariam respostas nos trabalhos existentes. Por exemplo: quais foram nossas primeiras escritoras? Que livros escreveram e sobre o quê? Não sofreram nenhuma espécie de dificuldade devido a sua condição feminina? E a representação da mulher enquanto personagem, sobre que estereótipos foi montada? Por que? (1987, p.16).

Diante disso, já podemos dizer também que no caso específico dos estudos das mulheres, apesar de ser um campo relativamente recente, muito já se sabe sobre a existência de grandes trabalhos desenvolvidos sobre a história das mulheres. Dentre tantos, podemos citar as obras da historiadora francesa Michelle Perrot, como “*Minha História das Mulheres*”<sup>1</sup>, uma outra obra bastante interessante é “*História das Mulheres no Brasil*”<sup>2</sup> organizada por Mary Del Priore. Falamos de obras, bastante importantes para pensarmos a condição feminina ao longo da história, nas mais variadas esferas da sociedade. Se voltarmos o nosso olhar para o âmbito acadêmico, veremos que os estudos de gênero já estão difundidos neste espaço, são temas como a feminização do magistério, protagonismo feminino político, entre outros. Em relação à mulher e a literatura no Brasil, há estudos que remontam a vida de importantes figuras femininas do século XIX, escritoras e intelectuais, que já tinham uma larga produção literária. No entanto, acreditamos que há muito o que pensar sobre a relação da mulher e o cânone literário nos tempos atuais.

Se olharmos para além da produção do âmbito acadêmico, mais precisamente na literatura de entretenimento, é comum ouvir entre mulheres a insatisfação com o preconceito sofrido pelos escritos de autoria feminina, constantemente taxados de “literatura de mulherzinha”. É um problema que perpassa leitoras e escritoras. É prática corriqueira nas livrarias o espaço

---

<sup>1</sup> Em “*Minha História das Mulheres*”, Michelle Perrot narra as lutas e conquistas das mulheres em espaços públicos e privados. São elas, mães, artistas, professoras, prostitutas e entre outras.

<sup>2</sup> Em “*História da Mulher no Brasil*” temos a narrativa da trajetória das mulheres desde o Brasil colônia, a figura feminina em diferentes espaços e posições sociais, a história das mulheres que perpassa a história das famílias, trabalho, literatura e entre outros.

destinado à mulher, onde geralmente se encontrará obras tais como: autoajuda, receitas, romances e outras mais. Tal fato, reforça ainda mais os estereótipos que a mulher carrega proveniente de um modelo da sociedade patriarcal.

Assim, não podemos deixar de citar aquelas que fizeram parte da história da literatura mundial, com as suas obras que são consideradas clássicas. São elas, a inglesa Jane Austen com o seu famoso romance *“Pride and Prejudice”*<sup>3</sup>; a britânica Agatha Christie<sup>4</sup>, com mais de 90 obras publicadas e traduzidas para diversos países, popularmente conhecida como *“A rainha do crime”*; a ucraniana naturalizada brasileira Clarice Lispector, autora de diversos romances, contos e ensaios; Cecilia Meireles, brasileira e importante poetisa da literatura de nossa país, a escritora Lygia Fagundes Telles; a francesa Simone de Beauvoir, feminista e filósofa existencialista, a escritora escreveu em suas obras sobre o papel e a postura da mulher na sociedade, sem deixar de citar a autora apresentada neste trabalho, Nísia Floresta, com os clássicos *Opúsculo Humanitário*, *Cintilações de uma alma Brasileira*, e *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.

Há que, considerar como avanços, a inserção de debates sobre a mulher e a literatura em GTs<sup>5</sup> em vários eventos acadêmicos que se destinam ao tema. Dessa forma, é possível, através dos anais destes congressos, ter acesso às mais recentes publicações. Conforme Duarte:

Que a produção literária feminina é recente não resta dúvida, basta que pesquisemos alguns historiadores e críticos para o constatarmos ou mesmo que tenhamos em mente as condições de vida das mulheres nos séculos passados, sempre recolhidas entre quatro paredes, sem acesso à educação ou a uma vida social. Se conhecemos um pouco desta história não podemos nos admirar da ausência de uma literatura feminina nesta época. A surpresa fica mais por conta das que, apesar de tudo e todos, superaram os obstáculos e desafiaram a ordem patriarcal que as restringia à esfera privada, publicando textos ainda que anonimamente ou sob pseudônimos masculinos, como estratégia de contornar os preconceitos sexistas no campo da recepção e da crítica literária (1987, p 19).

<sup>3</sup> Orgulho e Preconceito, romance publicado originalmente no ano de 1813, e que teve grande aceitação pelo público, ganhando várias adaptações para o cinema, TV e teatro, e inspirando diversas outras obras literárias.

<sup>4</sup> Agatha Christie chegou a publicar obras sob o pseudônimo de Mary Westmacott, fato bastante comum na história das mulheres escritoras.

<sup>5</sup> Grupos de trabalhos, dividido por áreas e temas.

---

É sabido que no início do século XIX, grande parte das mulheres estavam em casa, vivendo sob o molde de uma sociedade patriarcal. O seu dever consistia em preparar-se para o casamento, a maternidade, e as tarefas domésticas. Era como se fosse o mesmo pensamento do Brasil colônia, onde “[...] a educação feminina ficou geralmente restrita aos cuidados com a casa, marido e os filhos [...], tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como as negras escravas e as indígenas, não tinham acesso à arte de ler e escrever” (Ribeiro, 2011, p. 79). Mesmo com o passar do tempo, elas não tinham o direito básico de ler e escrever, este direito estava destinado aos homens. “A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras [...]” (Duarte, 2003, p. 153). Vale lembrar, que o ensino era pautado em tarefas domésticas, não havia interesse em um ensino que primasse pelo estímulo do intelecto das mulheres. A mulher tinha uma trajetória, ser filha, esposa e mãe.

No entanto, haviam aquelas que levantavam a bandeira do ensino feminino, e tomavam para si esta tarefa. Segundo os historiadores, é neste século (XIX), no Brasil, que surgem algumas mulheres escritoras, é nesse contexto que se destaca Nísia Floresta.

### **3 NÍSIA FLORESTA: TRAÇOS DA VIDA E DA OBRA**

Nísia Floresta é um pseudônimo para Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em Papari, Rio Grande do Norte, em 1810. Nísia chegou a residir em Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e também na Europa. No Velho Mundo viajou por diversos países, como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Grécia e Itália, porém fixou-se na França até a sua morte em 1885, em Rouen (Duarte, 2010). No ano de 1954, o governo do Rio Grande Norte consegue trazer para o país e sua cidade natal, que atualmente leva o seu nome, os seus restos mortais.

O pseudônimo Nísia Floresta Augusta Brasileira revela um pouco de sua personalidade. Nísia refere-se ao diminutivo de seu nome, Floresta é uma referência a comunidade rural onde nasceu, Augusta trata-se de uma homenagem ao seu companheiro Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem

---

chegou a ter três filhos, e por fim Brasileira, mais uma afirmação às suas posturas nacionalistas.

Nísia militou em favor da educação feminina, chegou a ser dona e diretora de um colégio para meninas no Rio de Janeiro. Seu colégio diferenciava-se dos demais, pois sua grade curricular era semelhante à dos colégios dos meninos, ou seja, em detrimento das tarefas domésticas, Nísia optou por disciplinas que desenvolvessem o intelecto feminino, o que despertou muitas críticas.

Desta forma, houveram muitas críticas ao trabalho desenvolvido no colégio, pois se considerava desnecessário o ensino de algo que não fosse relacionado ao universo doméstico. “A valorização da “educação da agulha” em detrimento da instrução era um fato tão aceito como sendo o mais correto, que não faltou quem criticasse o colégio de Nísia Floresta por incluir disciplinas consideradas supérfluas para a formação das meninas” (Duarte, 2010, p. 17). Argumentava-se que não havia necessidade de oferecer à mulher uma educação igualmente oferecida aos homens, pois ambos exerciam papéis sociais distintos. Não somente críticas tecidas ao Colégio, Nísia também foi alvo de comentários caluniosos à sua vida pessoal.

Portanto, o modelo de educação vigente no Colégio Augusto, pode ser considerado inovador, pois tratava-se de uma prática pedagógica equivalente aos colégios masculinos pertencentes à corte.

Esta escola, segundo depoimento de todos os que sobre ela escreveram, trouxe avanços consideráveis para a educação de seu tempo. E, entre as inovações aí reconhecidas, costumam ser lembradas o ensino do latim, do francês, do italiano e do inglês, bem como respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da geografia e da história do país; a prática da educação física; e a limitação do número de alunas por turma como forma de garantir a qualidade do ensino (Duarte, 2010, p. 17).

Para que se compreenda melhor o pioneirismo de Nísia enquanto educadora, se faz necessário que conheçamos o contexto histórico do Brasil colônia, em que haviam pouquíssimas escolas, e as que ali existiam eram insuficientes para a demanda da população. Vale salientar que o Colégio Augusto funcionou por dezessete anos, mesmo sem estar sob a direção de Nísia que partiu para a Europa e não mais voltou a residir no país, e esteve somente

---

por breves passagens (Duarte, 2010). Para além de educadora, ela foi escritora, e deixou registrado em suas obras a sua militância pela emancipação e educação feminina. Segundo Duarte (2010, p. 12), “Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa”. Na imprensa pernambucana, precisamente no Jornal de Pernambuco, Nísia escreveu na coluna “Espelho das Brasileiras”, onde publicou artigos acerca da condição feminina.

É em Opúsculo Humanitário<sup>6</sup>, de 1853, que encontramos a tese de Nísia, onde ela fala da educação das mulheres, como também da educação de uma forma geral. Nessa obra, ela explana o desejo de transformação do sistema educacional. Tecendo comentários acerca da condição feminina em várias partes do mundo, Nísia logo passa a falar da situação da mulher no Brasil, revelando insatisfação com sua condição. Composto por uma série de artigos publicados anteriormente em jornais, Opúsculo Humanitário traz o ideário de educação feminina defendido por Nísia Floresta.

O livro, é uma importante publicação para a literatura feminista, por falar da educação feminina, quase inexistente no século XIX, por revelar o pensamento de uma sociedade patriarcal, e denunciar a condição da mulher naquele contexto. Mostra que mesmo com pouco reconhecimento, já existia uma literatura de autoria feminina nos séculos passados. Nísia Floresta foi uma escritora bem-sucedida, mesmo em uma sociedade machista ela conseguiu publicar suas obras.

### 3.1 A ESCRITORA: SUA OBRA E SEU ESTILO

Autora de importantes obras que tratavam da emancipação da mulher por meio da educação, Nísia Floresta reivindicava e denunciava a situação das mulheres, índios e dos escravizados. As importantes publicações que exprimem a síntese de seu pensamento, são as obras, *Direitos das mulheres e injustiça*

---

<sup>6</sup> O livro reúne uma série de artigos que já haviam sido publicados anteriormente em jornais. O título do livro faz uma referência aos Opúsculos de Auguste Comte, filósofo francês que também influenciou o pensamento de Nísia Floresta.

dos homens, *Cintilações de uma alma brasileira*, *Opúsculo Humanitário*, e o poema *A lagrima de um Caeté*.

O Livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”, foi publicado originalmente em 1832, algumas pessoas chegaram a afirmar que se tratava de uma tradução livre do “*A Vindication of the rights of woman*”<sup>7</sup>, da inglesa Mary Wollstonecraft. Em seu livro, Nísia fala acerca da injustiça sofrida pelas mulheres, e do direito à educação e ao trabalho, ela tece críticas ao pensamento dos homens, de que as mulheres são próprias à criação e aos cuidados dos filhos, e exige que todas sejam consideradas inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade. Numa época em que a função social da mulher se restringia a maternidade e ao casamento, Nísia clama por direitos iguais a homens e mulheres.

Em “*Cintilações de uma alma brasileira*” publicado no ano de 1859, em Florença, o livro é composto por cinco ensaios, encontramos nele as saudades de seu país, por tanto tempo ausente, como também trata da educação dos jovens e da mulher europeia. O poema “*A lagrima de um Caeté*” de 1849, trata do índio brasileiro, nele enxergamos o pensamento de Nísia acerca da questão indígena. “A novidade do poema é que ele contém não a visão do índio herói que luta, presente na maioria dos textos indianistas conhecidos e, sim, o ponto de vista do índio vencido e inconformado com a opressão do branco invasor” (Duarte, 2010, p. 13). O poema é composto por 712 versos.

No livro *Opúsculo Humanitário*, obra proposta para análise neste trabalho, encontramos o pensamento de Nísia acerca da educação e emancipação feminina. Para Duarte (2010, p. 31, grifos da autora) “Enquanto do *Direito das Mulheres* a autora rejeitava a ideia de uma revolução radical nos costumes, no *Opúsculo Humanitário* será diferente, e ela expressa o desejo de uma completa transformação no sistema educacional”.

Acreditamos que esta obra é bastante relevante para pensarmos a relação da mulher e literatura, já no século XIX, atentando para o contexto histórico em que a autora estava inserida, conseguimos refletir acerca da

---

<sup>7</sup> Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher, publicado no ano de 1792. Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa do século XVIII, defensora dos direitos das mulheres.

---

condição feminina naquele momento. Nísia, pertencia a um grupo de poucas mulheres que eram letradas, e que levantou a bandeira da educação feminina. Desta forma, no tocante ao ensino de literatura em sala de aula, apresentamos como proposta de leitura o livro Opúsculo Humanitário, um suporte metodológico para o estudo da literatura, para que possamos pensar a condição feminina, educação e emancipação da mulher, com aplicabilidade para uma sala de aula de ensino médio.

A seguir exibiremos uma proposta de aplicabilidade das sequências didáticas baseadas em Cosson (2006), em uma sala de aula do ensino médio, utilizando o livro Opúsculo Humanitário, com intuito de que os alunos possam compreender a condição feminina no século XIX, pesquisar o contexto social/histórico no qual a obra foi produzida, as relações de gênero, bem como a relação da mulher com a literatura.

#### **4 OPÚSCULO HUMANITÁRIO: PROPOSTA DE LEITURA EM SALA DE AULA**

Inicialmente, em Opúsculo Humanitário, Nísia traz comentários de várias partes do mundo, da condição feminina nestas localidades, para logo após, falar da mulher no Brasil. Ela comenta sobre a mulher europeia, sua utilidade para a sociedade, sua posição como membro dela, em contraste com a figura feminina brasileira que vivia um atraso. Nessa obra a autora questiona a respeito do lugar ocupado pela mulher, vejamos esse trecho:

Copiemos antes de tudo a educação que naqueles países se dá à mocidade. Imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei, os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão, os franceses em seu espírito inventor, e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos, no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade (Floresta, 1989, p. 109).

Ainda assim, Nísia diz que há muito a se aperfeiçoar nestas nações, em relação à educação. Nísia faz uma denúncia à condição da mulher na sociedade brasileira, que não tinha uma educação que propiciasse o desenvolvimento de seu intelecto, as poucas que recebiam educação, estavam voltadas unicamente para o universo doméstico e a maternidade, isto no século XIX.

---

Para a autora em estudo, muitos dos atrasos eram uma herança da colonização portuguesa, e clama por uma educação melhor, chama os brasileiros para entrarem nesta luta e reverter o quadro educacional do país. Na visão dessa autora, o futuro da sociedade está na educação, discurso presente nos dias atuais. Em *Opúsculo*, encontramos o desejo de Nísia de que o Brasil seja mais progressista, e levanta a bandeira da educação feminina. Mais uma vez, ela expressa o seu amor pela pátria, no entanto, chama atenção para o atraso cultural, o quadro educacional e o desinteresse dos governantes para com esta situação. “Chega inclusive a afirmar que não poderá haver no Brasil uma boa educação da mocidade enquanto “o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública não for radicalmente reformado” (Duarte, 2010, p. 31).

Desta forma, ela passa a descrever com números oficiais o quadro educacional brasileiro daquela época. Por fim, em seu livro ela apresenta o seu ideário de educação feminina, e é aí, que percebemos as influências desta educadora. Conforme Duarte (2010), de um lado estava o pensamento liberal progressista e de outro o conservadorismo do catolicismo. Ainda, há que lembrar a sua aproximação com a filosofia positivista de Auguste Comte. Há quem acredite que, Nísia, acabou limitando o universo feminino, quando diz que o ideal de educação das meninas é aquele oferecido no lar, com a orientação materna.

Uma mãe bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas (Floresta, 1989, P. 91).

Porém, para o contexto em questão, não podemos afirmar que foi uma limitação, haja vista que, no século XIX, estas mulheres não tinham acesso à educação, e clamar por este direito, ainda que permeado pelo universo feminino e doméstico, é um avanço. Com relação à aproximação com Comte, Duarte (2010) diz que esta adesão a filosofia positivista foi um tanto superficial. O ensaio “Um passeio no Jardim de Luxemburgo” é o único que contém referências explícitas à doutrina positivista, por valorizar a função social da mulher, e

---

expressões elogiosas ao filósofo Auguste Comte, justamente por tê-la concebido” (Duarte, 2006, p. 31).

Desta forma, mesmo sob esta “delimitação” da educação feminina, pode-se dizer que Nísia muito contribuiu para o avanço da educação feminina. Todavia, ressaltamos que ela não falou apenas da mulher de classe alta, há também suas inquietações acerca de todas as mulheres brasileiras (as mulheres pobres, escravas, bem como as indígenas), vejamos.

É, portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos, quando os elementos dessa prosperidade se acham ainda tão confusamente marulhados no labirinto de inveterados costumes e arriscadas inovações (Floresta, 1989, p. 130).

Nísia também chegou a discorrer sobre a condição da mulher trabalhadora, sem educação, e, por conseguinte, desfavorecida economicamente. Ao pensarmos no contexto histórico em que ela estava escrevendo, aí então, perceberemos que sua discussão era de certa forma avançada e pioneira, pois ela era uma das poucas mulheres letradas neste período, e que para além disso, ainda conseguia publicar as suas obras em uma imprensa recente no país.

#### 4.1 A PRÁTICA EM AÇÃO: SEGUINDO AS SEQUÊNCIAS BÁSICAS

Para o terceiro ano do ensino médio, propomos a leitura do livro Opúsculo Humanitário, o livro está disponível para *download* no *site Domínio Público*, para que possamos facilitar o acesso à obra. É uma sugestão, onde objetivamos fazer com que os alunos reflitam acerca das relações de gênero presentes em nossa sociedade, pensar na educação e emancipação das mulheres e a relação da literatura e a mulher. Assim, esta atividade está dividida em dois momentos, a saber: motivação, leitura e análise.

##### 1º MOMENTO (Motivação)

---

O primeiro momento desta sequência, consiste na motivação, que para Cosson (2006), deverá anteceder todo o processo de leitura e trabalho com a obra. Esta ocasião refere-se ao despertar do interesse do aluno pela leitura do livro. Diante disso, através de uma conversa informal, abordaremos o tema de relações de gênero, questionando os alunos da seguinte forma: Vocês já ouviram falar sobre gênero? A ideia central, com este momento informal, é provocar os alunos, para que eles possam externar, de forma oral, seus conhecimentos prévios acerca do tema.

Assim, dividiremos a turma em dois grupos, pode ser por afinidade, entregaremos a um grupo uma folha de papel com o nome “mulher”, e ao outro uma folha de papel com o nome “homem”. Solicitaremos aos grupos, que escrevam em seus respectivos papéis, de acordo com seu imaginário, o que eles acreditam, “ser homem” e “ser mulher”. Logo depois, em uma roda de debate, pediremos que expressem, de forma oral, os seus escritos.

Objetivamos, neste momento, promover o interesse pela leitura da obra sugerida. Ainda na motivação, faremos uma introdução, com o intuito de apresentar aos alunos o gênero textual da obra, bem como a autora Nísia Floresta, também estimulando-os a expressarem as suas opiniões. Por fim, abordaremos a autora Nísia Floresta, falando um pouco sobre sua biografia, seu contexto histórico de inserção, e sua militância. Sugerimos, para esta introdução, a exibição do vídeo/documentário, de 30 min, “Nísia Floresta, uma mulher a frente do seu tempo”, produzido pela Tv NBR.

## 2º MOMENTO (Leitura e análise)

O momento da leitura, deve estar sob a orientação do professor, pois segundo Cosson (2006) “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” (Cosson, 2006, p. 62). Assim sendo, a orientação do professor é fundamental para o momento de interpretação do texto. Pensamos, que o ideal seria desenvolver esta atividade com um total de seis encontros, e que fosse

---

realizada em grupos. Essa atividade deverá ser desenvolvida a partir das seguintes etapas:

1ª etapa - Solicitaremos a leitura da obra, *Opúsculo Humanitário*, que se encontra disponível no *site do Domínio público*, para *download*. Sugeriremos, a leitura integral da obra, no entanto, os alunos deverão ter em mãos o material, que seria, trechos do livro a serem lidos. Trechos, tais como; “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta, na capital do Império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!” (Floresta, 1989, p. 2). A leitura deve ocorrer de forma compartilhada, oral. Objetivamos, nesta etapa, propiciar o primeiro contato com a obra, e com o que a autora está reivindicando.

2ª etapa - Apresentaremos o texto, deixando os alunos explorarem, o título, ano, visando descobrir qual o tema da obra. Incentivar a leitura oral de trechos do texto. Novamente, com material em mãos, os trechos, perguntaremos aos alunos qual o tema da obra. Vejamos neste trecho;

Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada” (Floresta, 1989, p 44).

3ª etapa - Fazer perguntas orais, relativas ao texto, solicitando o entendimento dos alunos. Neste momento, destacamos como exemplo, o trecho, da parte XVIII do livro, onde Nísia fala do Brasil, e clama pela educação feminina. Vejamos a seguir;

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho (Floresta, 1989, p. 45).

---

Deste modo, questionamos: de que preconceitos nos fala Nísia? Qual sua ideia de metamorfose? Com o passar dos séculos, você acredita que se operou esta metamorfose, por ela almejada? A ideia, é que estes questionamentos sejam feitos em uma conversa oral, e que assim, também sejam as respostas, mas que possam registrá-las em seus cadernos.

4ª etapa - No tocante à análise, onde se dará a interpretação do texto, a *priori* deve ser de forma pessoal. Nesse momento será solicitado ao aluno uma produção textual, feita individualmente, um texto dissertativo-argumentativo que expresse o seu entendimento do livro e ponto de vista, no que se refere ao tema abordado sobre a mulher, sua educação e emancipação. Orientaremos esta produção, a partir das seguintes questões geradoras;

- Você concorda com a tese defendida por Nísia Floresta? No que se refere a luta pela igualdade de gênero, como você enxerga a situação desta luta, hoje?

Será solicitado a apresentação desta produção, para que as ideias sejam compartilhadas com os demais colegas. A seguir, passamos para a etapa da contextualização, adicionando informações à leitura, que se dará da seguinte forma:

1 - Contextualização teórica, que se refere as ideias da obra. Nessa etapa, será solicitada aos alunos uma pesquisa em livros e na *internet* sobre os temas abordados na obra, como educação e emancipação feminina.

- Primeiro solicitaremos aos alunos uma pesquisa sobre literatura de autoria feminina: pesquise mais obras escritas por mulheres, de que falam essas obras?

- Questionar: você já leu outras obras de autoria feminina?

- Em casa, pesquise outras obras que discutem a emancipação feminina na atualidade? Quem são os autores?

- Faça um esquema, com as obras pesquisadas, contendo: título, tema, e autor/a. Atividade para ser entregue ao professor.

2 - Contextualização histórica, pensando no contexto histórico que a obra foi escrita, propor a visualização do vídeo “Mulheres do Sec. XIX: perfis, conquistas, espaços ocupados”, disponível no *Youtube*.

- Pontos a serem observados no vídeo: o papel da mulher na sociedade do século XIX, espaços, e figuras femininas que lutaram pela emancipação.

---

- Questionar: você enxerga alguma relação do vídeo com a obra de Nísia Floresta? Qual? Esperamos que os alunos possam externar a sua compreensão.

- Sugerimos uma atividade prática, em que a turma deverá se dividir em dois grupos, com materiais em mãos (cartolinas e canetas), cada grupo ficará responsável por um tema. O primeiro, “Papeis e espaços ocupados pelas mulheres no século XIX”, o segundo “Ideais de luta e emancipação”. A ideia, é que os grupos, escrevam em seus respectivos cartazes, a compreensão do tema, por meio da obra analisada e vídeos assistidos. Essa atividade deverá ser socializada para a turma inteira.

3 - Contextualização crítica, pensando em outras leituras para ampliação do tema. Neste ponto, apresentar outras obras da autora, Nísia Floresta, e de outros autores que tratem do tema, como sugestão de leituras complementares;

- Apresentação das obras de Nísia Floresta, “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, por meio de uma discussão informal com os alunos.

- Por meio da exibição do vídeo “Obras de três mulheres escritoras do século XIX”, disponível no *Youtube*, apresentar outras importantes escritoras do século XIX, e suas lutas sobre os direitos femininos.

- Sugerimos, à título de conhecimento, outras obras de autoria feminina, que perpassam as questões de gênero. Simone de Beauvoir, com sua importante publicação, *O segundo Sexo*. Entre as nacionais, Lygia Fagundes Teles, com a obra, *As meninas*. E ainda que não trate de forma direta de questões feministas, Clarice Lispector, uma leitura recomendada com *A Hora da Estrela*.

4 - Do presente, buscando relação do tema com a atualidade. Junto aos alunos, traçar um panorama da mulher na atualidade, com relação aos espaços, hoje, ocupados por ela.

- Culminância das atividades.

- Dividir a turma em dois grupos: um grupo ficará responsável por uma dramatização, recriando o cotidiano das mulheres no século XIX, no Brasil, ou seja, as suas atividades, os espaços ocupados por elas, e o papel desempenhado, por elas, na sociedade.

- 
- O segundo grupo, através de um desfile temático (cultura, moda, comportamento, dentre outros), retratar a mulher de ontem e de hoje, do século XIX aos dias atuais.
  - Tudo deverá estar relacionado com a obra analisada. A turma terá de ser avaliada, levando em consideração todo o processo da análise da obra.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo foi escrito com intuito de buscar compreender a relação da mulher com a literatura, enquanto escritora, pensando na literatura de autoria feminina. Para tanto, buscamos investigar se há espaço para tais obras literárias no cânone. Inserida na categoria dos sujeitos marginalizados, aqueles que estão fora da lista dos clássicos, junto aos negros, índios, homossexuais e outros sujeitos, percebemos que a trajetória das mulheres em detrimento dos homens, foi bastante difícil, e no espaço literário não é diferente. As mulheres tiveram uma trajetória repleta de lutas e conquistas, para que pudessem alcançar direitos elementares, como o direito à educação. Muitos avanços ocorreram neste quesito, porém não podemos dizer que a luta pela igualdade de gênero é algo acabado, ainda falta muito.

Sabemos que a mulher esteve na categoria de escritora desde o século XIX, e muitos estudos estão sendo desenvolvidos no campo de gênero, muitos historiadores já remontaram as trajetórias de importantes figuras femininas do passado, intelectuais e escritoras. Se insere neste grupo, a escritora Nísia Floresta, que viveu no século XIX, apresentada aqui, neste trabalho por meio de sua obra literária, Opúsculo Humanitário. Tivemos, como intuito pensar na emancipação feminina defendida por Nísia em sua obra, e descobrimos que a autora foi uma importante educadora. Da mesma forma, se destacou como escritora em uma época em que poucas mulheres eram letradas, considerada por muitos, pioneira do feminismo no país, uma mulher à frente de seu tempo.

Sua obra, Opúsculo Humanitário, é uma denúncia da condição feminina daquele contexto histórico, ao quadro educacional do país naquele momento, um pedido de mudança. Para reverter tal quadro, chama atenção para a injustiça sofrida pelas mulheres, e mesmo quando apresentou seu ideário de educação

---

feminina oferecida no lar materno, parecendo ser este, limitado. Diante do que expõe em sua obra, no que diz respeito à mulher, pode-se considerar um avanço, quando se leva em consideração o contexto histórico, onde a mulher devia ser apenas, filha, esposa e mãe.

Por meio da sugestão de sequências didáticas, aqui apresentadas, percebemos que é possível levar para a sala de aula, a discussão de relações de gênero, seguindo uma didática básica, que permitirá aos alunos ultrapassar a condição de sujeitos passivos, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem. As atividades, sobre “ser homem” e “ser mulher” pode inserir os alunos em um debate atual e necessário em sala de aula. As atividades temáticas, dramatizações e desfile, permite um “olhar para trás”, acerca da condição feminina em nosso país. Além de fazer uma relação com a obra apresentada, há também as sugestões de leituras complementares, bem como os vídeos sugeridos, que permitirão aos alunos entrar em contato com o que foi e que se está sendo produzido sobre a condição feminina, no Brasil e no mundo. Destacamos os debates de gênero e também sobre a escritora Nísia Floresta, além de apresentar algumas escritoras atuais que tratam desta questão. Portanto, acreditamos que tais atividades, possibilitam aos alunos, também, um momento de reflexão no que diz respeito a mulher na atualidade, bem como o porquê de pensarmos nestas questões.

Nosso objetivo, também, foi suscitar nos alunos o gosto pela leitura, para que desenvolvam o hábito de ler, que não a enxerguem como uma prática obrigatória e desprovida de prazer. Neste sentido, as sequências didáticas, mostraram-se, bastantes efetivas no processo de letramento literário.

Objetivamos, ainda, acentuar a importância de levar para a sala de aula uma obra literária, que não está no cânone, mas pode possibilitar aos alunos o acesso à diversas produções, sem classificá-las em boas ou más, como também fazê-los questionar porque alguns sujeitos estão marginalizados, no que se refere ao cânone literário.

A proposta de leitura, do livro Opúsculo Humanitário, em uma sala de aula do ensino médio, constatou que o texto pode instigar uma discussão bastante importante na atualidade. Esse tipo de discussão deve estar dentro das salas de

---

aulas, assim como os temas de gênero. Consideramos pertinentes e que os alunos possam estar em constante debate, para que o preconceito de gênero não continue se perpetuando nas diversas esferas da sociedade, que eles pensem acerca deste “espaço” da mulher no cânone, e nos demais segmentos. Portanto, entende-se aqui, que a obra *Opúsculo Humanitário* de Nísia Floresta, em sala de aula, é de extrema relevância para o ensino de literatura, pensar a educação brasileira no passado, bem como a contribuição da escritora para se pensar a emancipação feminina, principalmente nos dias atuais.

## REFERENCIAS

CEREJA, William Roberto. **Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2004.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo**. Brasília: Mercado Cultural, 2006.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950/11522> Acesso em: 2 abr. 2024.

DUARTE, Constância Lima. **Literatura feminina e crítica literária**. Rio de Janeiro: 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17198/15769> Acesso em: 02 abr. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

---

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989.  
Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002106.pdf>  
Acesso em: 02 abr. 2024.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001

MELLO, Cláudio José de Almeida. Pós-modernidade, pós-modernismo e a literatura de autoria feminina: vozes de resistência na literatura brasileira. **Uniandrade Scripta**, v. 10, n. 1, 2012, p. 9-24.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, Portugal. v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37417104.pdf>  
Acesso em: 02 abr. 2024.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2011. p. 79-94.